FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

160

ADDENDA ET CORRIGENDA ÍNDICE DOS FASCÍCULOS 150 a 159 INSCRIÇÃO 631



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia

Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ADDENDA ET CORRIGENDA

Ad n. **223** [FE 49, 1995]

Os autores, A. Dias Diogo e Laura Trindade, sugeriram a leitura VTI(*censis*), o que mostraria uma ligação entre *Olisipo* e esta cidade do Norte de África.

Logo, porém, o editor de *L'Année Épigraphique* se interrogava sobre a possibilidade de se reconstituir um *cognomen* menos susceptível de vir a ser base de deduções históricas baseadas em leitura hipotética; sugeriu, por isso, ainda que como hipótese, *Nauticus* (AE 1995 728). Ao elaborarmos o *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana* (2003), não tivemos em conta nenhuma dessas hipóteses e optámos pela omissão, dada a incerteza.

Creio ter lido depois – já não ser precisar onde – que uma interpretação *Eutichus* poderia ser mais viável. De facto, já se conhecia em *Olisipo* um *C. Iulius Eutichus* (CIL II 182).

José Cardim Ribeiro (*Conimbriga* 55 2016 p. 166, nota 7) acabou por sugerir essa hipótese, que se afigura, de facto, mais viável e que, no seu entender, é, aliás, «bem trivial e, assim, muitíssimo mais provável».

Somos, pois, de opinião que deve, doravante, deixarse de parte a leitura *Uticensis* e optar-se claramente pela presença de um *cognomen* etimologicamente grego, que se coaduna bem, de resto, com a antroponímia presente na epigrafia olisiponense. – J. d'E.

Ad n. **592** [FE 145, 2017]

Um dos nossos mui prezados colegas epigrafistas, depois de observar que, devido ao seu estado fragmentário, a epígrafe levanta mais problemas que soluções; dado que, em seu entender, a parte conservada constitui um pouco menos de metade do original, propõe, com esse pressuposto, a seguinte leitura:

D [M] [S]

ATILIA [- f. MAXSV]
MA AN XX[X ... HSE STTL] ?

L. CVR(tius ou ius) ATILI[ANVS AN. ... ?]

MATER ET [FILIVS ATIL. ?]

SERVATV[S PATER FIL.]

PIAE [POS ou F. C.]

Trata-se, acrescenta, de uma sugestão geral, uma vez que não lhe é possível saber – apenas dispôs da foto publicada – se as fracturas permitem identificar outras letras nem se o monumento, atendendo à sua tipologia e local de achamento, autoriza outras hipóteses, inclusive apontar qual a sua datação.

Ad n. **616** [FE 154, 2017]

Uma das ocorrências mais significativas do patronímico *Pelli* está numa epígrafe de Castelo Branco, em que *Pellius* é o pai de um *Boutius*, da *gentilitas Ilaesuriorum*, segundo a minha interpretação: ENCARNAÇÃO (José d'), «Da ambiguidade e da certeza», *Conimbriga* 42 2003 123-128. Acessível em: http://hdl.handle.net/10316/28196. – J. d'E.

Ad n° **617** [FE 155, 2017]

Antonio Sartori, a quem enviei foto da epígrafe, teve a gentileza, que agradeço, de propor a seguinte leitura: [---] A M(arci) LIB(erta)? + [---] / [---] CLIAE L(uci) L(ibertae) – J. d'E.

Ad n. **621** [FE 156, 2017]

Observação de José Cardim Ribeiro:

«Vejo (quer pelo desenho, quer pela foto) que o 2.º traço é algo curvo, reentrante, embora os dois II subsequentes se apresentem totalmente rectos e verticais. Questiono se, em vez de se ler CIRILI, não seria antes preferível ler ORILI.

Orillius é um gentilício raro, porém inequivocamente existente. Schulze (p. 443) regista a epígrafe africana patente em CIL VIII 9031 referente a um L. Orillius L. f. Q. Geminus; e AE 2008, 419 adn. reporta-se a um N. Orillius. Evidentemente que não fiz uma pesquisa exaustiva...»

Resposta dos autores:

«Afigura-se-nos que o traçado menos 'circular' que nos é dado observar não se coaduna com a circularidade que o traçado de um O postularia».

Ad n. **623** [FE 157, 2017]

Nas 1. 4-5, pode também admitir-se *Iulia Rufa f(ilia)*, uma vez que o A de *Rufa* é visível na linha 5 (cf. foto 623). Esta hipótese de leitura admite uma filiação a partir do nome da mãe. – M. M. A. D. e C. G.

Ad n. 629 [FE 159, 2017]

Questionado o autor por não se tratar de uma inscrição rigorosamente inédita, uma vez que já fora referida por Vergílio Correia, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. IV – Coimbra, 1952, p. 131 e citada por José Manuel Garcia, *Religiões Antigas de Portugal* [Lisboa, 1991), p. 384, nº. 281, o autor (Flávio Imperial) respondeu:

«Nunca pretendi afirmar que a inscrição era inédita. Aliás, nos dados que enviei já fazia menção, na parte da bibliografia, ao *Inventário Artístico*, que surge mencionado na publicação entretanto feita no *Ficheiro Epigráfico*. Pareceu-me interessante publicá-la, pois desta feita tornou-se possível apresentar as fotografias da mesma (podendo cada um fazer a sua leitura com base nessa análise e não apenas no que foi escrito por Vergílio Correia), e procurando relacioná-la (sobretudo pela cronologia) com novos dados arqueológicos (escavação da área da Capela de Nossa Senhora do Desterro) da ocupação da zona de Montemor-o-Velho».

ÍNDICES 150-1591

Nomina virorum et mulierum

Aeli, 617
G. Aius Sempronius, 613-1
Antonius [Ve]geti f., 620
L. Ca(e)nob(ius) Q. f. Severianus, 623
[I]ulia SV[R]IL LION[IS] f. Marc[el]la, 611
Iulia Ruf(a) f., 623
C. Iulius, 615
M(arcus) Pompeius Fuscinus, 608
Sempronius f., G. Aius, 613-1

Cognomina virorum et mulierum

[---]A Pelli f., 616 Aeicatu[s] Boeli f., 614 Amana(e?), 610 Ambata Ventoria L(uci) f., 613-1 C. Augusta, 627 Boeli f., Aeicatu[s], 614 Caturonis f., Celtio, 625 Celtio Caturonis f., 625 *C[ili]us*, 612 Cilus Pisiri f., 626 Cirilus, 621 Coria, 612 Eburi, 612 Fuscinus, M(arcus) Pompeius, 608 LION/IS] f., [I]ulia SV[R]IL Marc[el]la, 611 Marc[el]la, [I]ulia SV[R]IL LION[IS], 611 [Max]umii, 617 Pisiri f., Cilus, 626 Restituti, 622 Ruf(a) f., Iulia, 623 *Rufus*, 614 Severianus, L. Ca(e)nob(ius) Q. f., 623

¹ Elaborados por Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar.

Taumastus, 607-1 Turuca(?), 610 [Ve]geti f., Antonius, 620 Ventoria, Ambata L(uci) f., 613

Dii deaeque

D(is) M(anibus), 610, 614? I.O.M., I(ovi) O(ptimo) M(aximo), 619 Iovi O(ptimo) M(aximo), 608, 629? Mer(curio?), 606

Christiana

607, 622

Parentela ac necessitudines

Am[ic?]us, 612 Filius/-ia, 611, 613-1, 623, 625, 626 [Libertis libert]abusq(ue), 617 Mater, 613-1

Litterae singulares notabiliores

AN., an(norum), 611, 612, 616 ANN., ann(orum), 627 C., curavit, 612 D.M., D(is) M(anibus), 610 F., fecit, 612 F., f(ilius/-ia), 611, 613-1, 616, 625 F.C., f(aciendum) c(urav-), 611 F.C., [f(aciendum) curav]it, 624 F.C., f(aciendum) c(uraverunt), 613-1, 616, 623, 625 [H.E.]S., h(ic) e(st) s(ita), 611 H.E.[S.]S.T.T.[L.], h(ic) e(st) s(it) s(it) t(ibi) t(erra) [l(evis)], 628 H.S.E., h(ic) s(itus) e(st), 626 H.S.E.S.I.T.L., h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis), 607-2 [H.S.E.] S.T.T.L., [h(ic) s(ita) e(st)] s(it) t(ibi) t(erra) l(evis), 616 H.S.E.S.T.T.L., h(ic) s(itus/-a) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis), 612, 623 P.S.S., p(ro) s(alute) s(ua), 608

S.T.T.L., *s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, 611

Puncta et similia

608, 611, 612, 613-1, 615 (hedera), 616, 620 (hedera), 623, 625, 626, 627, 628

Monumenti formae

ara, 606, 618 (anepígrafa), 619, 624, 629? cipo, 613-1, 613-2, 613-3(?) estela, 610, 611, 612, 614, 620, 623, 625, 626, 628 indeterminada, 617 placa, 615?, 616, 627

Instrumenta

Placas de revestimento, 622 *Imbrex*, 630 *Sigillata*, 609, 621

Officia vel similia

Figulus, 622

Signa et ornamenta varia

Bandas paralelas escavadas na perpendicular, 625 Cornija, 606 Cimásio, 620 Foculus, 624 Moldura, 616, 618, 619, 620, 624 Pulvini, 606, 620, 624 Ramo, 621 Rosácea, 626 Roseta heptapétala, 620 Supra arcu rosa columba crux columba rosa, 607-1

Grammatica et notabilia varia

Cirilus pro Cyrillus, 621 H.S.E.S.I.T.L., h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis), 607-2 [Libertis libert]abusq(ue) po[sterisq(ue) eorum], 617 Qui legerit CEN[---], 609 s(it) t(ibi) t(erra) [l(evis)], 610 statue[runt], 614

Inscrições desaparecidas e conhecidas só por tradição manuscrita:

Cum imagine: 607-1, 607-2

Inscriptionum repertarum loca

PORTUGAL

BEJA

Alvito, Alvito, reutilizadas no destruído Arco de S. Roque, 607-1, 607-2

COIMBRA

Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha, rua da Fonte nº 36 (reutilizada numa casa), 620 Montemor-o-Velho, Igreja de Santa Maria Madalena, 629

ÉVORA

Estremoz, Evoramonte, reaproveitada no castelo, 624

PORTALEGRE

Arronches, sítio de Porto das Escarninhas (onde existiu uma ponte sobre o rio Caia), 606.

LEIRIA

Óbidos, Gaeiras, na cidade romana de Eburobrittium, 630

LISBOA

Vila Franca de Xira, Castanheira do Ribatejo, no adro da Igreja de S. Bartolomeu, 615

Lisboa, nas escavações dos Antigos Armazéns Sommer, 621

SANTARÉM

Golegã, Quinta da Cardiga (reaproveitada numa fonte), proveniente de Veneza, Itália, 617

VISEU

S. Pedro do Sul, Sul, Aldeia, Capela de Santa Ana, 625 Tondela, Lobão da Beira, reutilizada na Capela de S. João, 619 Viseu, Largo da Sé (numa sondagem sem contexto arqueológico), 616

SETÚBAL

Setúbal, Tróia, nas ruínas, descartada num vazadouro (u. c. 850), 627

ESPANHA

ÁVILA

Cardeñosa, Calle Mayor nº 31 ou 33, 618

BURGOS

Oña, La Molina del Portillo de Busto, 613

CÁCERES

Cáceres, na Dehesa de Gil Téllez, a 10 km da cidade, 628 La Vera, Cuacos de Yuste, reaproveitada no muro da fachada da Igreja de Nuestra Señora de la Asunción, 614 Herguijuela, Calle travesía de Garciaz, nº19 (reutilizada numa casa), 612

Pasarón, Puerto de Santa Cruz (próximo de Trujillo), 610 Salvatierra de Santiago, Calle Ejido (reutilizada numa casa), 623

Salvatierra de Santiago, calle Iglesia nº 23 (reutilizada numa casa), 611 Trujillo, 626

PONTEVEDRA

Vilaboa, Santo André de Figueiredo, junto ao castro de Coto Loureiro, 608

SEVILLA

Jaén – Museo de Artes Y Costumbres Populares de Jaén, 622-7

Osuna – Coleção Luis Porcuna Jurado, 622-2, 622-3, 622-4, 622-5, 622-6

Sevilla - Coleção particular, 622-1

ZARAGOZA

Uncastillo, Los Bañales, 609

EXTERIOR À HISPANIA

ITÁLIA

VENEZA (Regio X) Local indeterminado na região, 617.

Auctores

André Carneiro, 606 Antón Costa, 608 Armando Redentor, 620 Eurico Sepúlveda, 621 Fernando Costa, 617 Flávio Imperial, 629 Héitor Picallo, 608 Inmaculada Delage González, 609 J. M. Abascal, 608 Javier Andreu Pintado, 609 Javier Del Hovo Calleja, 613 João Almeida, 627 João Pimenta, 615 Jorge Adolfo M. Marques, 616, 625 Jorge Feio, 607 José Antonio Pajuelo Jiménez, 610 José Antonio Ramos Rubio, 628 José Beleza Moreira, 630 José d'Encarnação, 615, 616, 617, 620, 621, 625, 627, 630 José Ildefonso Ruiz Cecilia, 622 Julio Esteban Ortega, 610, 611, 612, 614, 623, 626, 628 Marcelino Moreno Morales, 623 Marco Rocha, 617 Mariano Rodríguez Ceballos, 613 Miguel Pessoa, 620 Nuno Pereira, 617 Ruben Barbosa, 624 Salvador Ordóñez Aguilla, 622 Teresa Pereira, 627

INDEX

FE 150 André Carneiro, Epígrafe proveniente de Porto das Escarninhas (Arronches)
FE 151 Jorge Feio, Inscrições do (desaparecido) Arco de São Roque, Alvito (Conventus Pacensis)
FE 152 Javier Andreu Pintado, Inmaculada Delage González, Un singular grafito sobre sigillata hispánica hallado en los Bañales de Uncastillo (Zaragoza) (Conventus Caesaraugustanus)
FE 153 Julio Esteban Ortega, Estela de Iulia Marcella en Salvatierre de Santiago, Cáceres (Conventus Emeritensis)
FE 154 Julio Esteban Ortega, Estela de Aeicatus en Cuacos de Yuste, Cáceres (Conventus Emeritensis)

FE 155
José d'Encarnação, Fernando Costa, Marco Rocha, Nunc
Pereira, Uma inscrição romana de Veneza na Quinta da Cardiga
Golegã (Conventus Scallabitanus)
Fernando Polo Alonso, Ara anepígrafa encontrada en
Cardeñosa (Ávila)
Cardeñosa (Ávila)
reaproveitada na capela de S. João, Lobão da Beira, Tondelo
(Conventus Scallabitanus)
FE 156
Armando Redentor, Miguel Pessoa, Fragmento de altar
funerário de Conímbriga relativo a indivíduo pertencente à Gens
Antonia (Conventus Scallabitanus, provincia Lusitania) 620
José d'Encarnação, Eurico Sepúlveda, Grafito Cirili em
taça de terra sigillata, de Lisboa
FE 157
Salvador Ordoñez Aguilla, José Ildefonso Ruiz Cecilia
Nuevos exemplares de placas decoradas del Figulus Restitutus
$(CIL\ II^2/7,87a)$
Julio Esteban Ortega, Marcelino Moreno Morales, Nuevo
estela funeraria en Salvatierra de Santiago, Cáceres (Conventus
Emeritensis)
EE 150
FE 158 Pulsar Parkaga Ulur mana a angtala da Farangana (24
Ruben Barbosa, <i>Uma ara no castelo de Evoramonte</i>
José d'Encarnação, Jorge Adolfo M. Marques, <i>Estela funerária</i> de Sul (S. Pedro do Sul), (Conventus Scallabitanus)
Julio Esteban Ortega, Estela de Cilius en Trujillo (Cáceres,
(Conventus Emeritensis)
FE 159
João Almeida, José d'Encarnação, Teresa Pereira, Lápide
funerária de Tróia (Conventus Pacensis)
Julio Esteban Ortega, Óscar de San Macario Sánchez, Jose
António Ramos Rubio, <i>La estela de la Dehesa de Gil Télles</i>
(Cáceres) (Conventus Emeritensis)
Flávio Imperial, <i>Inscrição a Júpiter na Igreja de Santa Mario</i>
Madalena (Montemor-o-Velho) (Conventus Scallabitanus) 629
Madalena (Montemor-o-Velho) (Conventus Scallabitanus) 629

UM GRAFITO ROMANO NA QUINTA DA FÓRNEA (BELMONTE)

(Conventus Emeritensis)

Dois fragmentos de granito de grão muito fino, que se ajustam e ostentam um grafito. Foram identificados na Quinta da Fórnea I, localizada na freguesia e concelho de Belmonte, distrito de Castelo Branco, junto ao km 5,5 da Estrada Nacional 345.

O sítio, de época romana, classificado como *villa* de vocação agrícola, terá sido ocupado entre os séculos II e IV. Foi escavado na totalidade entre 1997 e 2008 pela Arqueohoje, Lda. A área construída dispõe-se em torno de um pátio central, com espaço ajardinado, compondo-se de *pars urbana*, *pars rustica* e *pars frumentaria*, sendo de assinalar também a existência de um pequeno edificio balnear¹.

Aescavação arqueológica a que se reporta a recolha deste fragmento foi realizada na sequência da 2ª Fase do Projecto de Consolidação e Restauro da *Villa* Romana da Quinta da Fórnea, promovida pela Câmara Municipal de Belmonte, executada pela Sudário, Lda. e realizada entre Fevereiro e Março de 2012, sob a direcção de Carla Alegria Ribeiro com a colaboração da arqueóloga Joana Lourenço. A intervenção decorreu da necessidade de proceder à escavação arqueológica de áreas não intervencionadas ou não concluídas nas campanhas anteriores, permitindo que estas fossem alvo de consolidação e restauro.

¹ Cf.: Carvalho (Pedro C.), Cova da Beira — Ocupação e exploração do território na época romana, Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007, p. 265-266; SANTOS (Filipe), A Villa Romana da Quinta da Fórnea I — Belmonte. Relatório de Progresso, Arqueohoje, Viseu, 2009. Acessível em: http://independent.academia.edu/SantosFilipe/Teaching/25959/VILLA_ROMANA_DA_QUINTA_DA_FORNEA_I; RIBEIRO (Carla), Quinta da Fórnea — Belmonte — Relatório Final de Escavação Arqueológica de 2012.

O contexto de recolha respeita à escavação de um compartimento inserido na *pars frumentaria*, parte integrante de um conjunto de seis compartimentos, acessíveis a partir do pátio central e cuja funcionalidade não é absolutamente clara, podendo tratar-se de locais de armazenamento ou de transformação de produtos. Este compartimento – o único cuja escavação permanecia por concluir – havia sido parcialmente intervencionado nas anteriores campanhas, tendo sido apenas escavada uma exígua faixa ao longo de um dos muros definidores deste ambiente. A escavação não revelou, porém, vestígios que indiciassem o tipo de actividade ou funcionalidade do espaço. Apresenta, contudo, a singularidade, quando comparado com os restantes cinco compartimentos, de haver duas estruturas perpendiculares a subdividirem entre si o seu espaco interior.

Os fragmentos epigrafados foram recolhidos em níveis de aterro, depositados para obtenção de cota e regularização do piso em terra. No conjunto dos materiais reunidos neste estrato, encontramse igualmente alguns fragmentos de *terra sigillata* que, mau grado o seu débil estado de conservação devido às características do solo, poderão ser produções tardias, possivelmente africanas. Os fragmentos epigrafados, apresentam sinais de terem sido afeiçoados: bem polidos, apresentam até um aspecto ligeiramente côncavo em ambas as superfícies, arredondados nas extremidades e abaulados nos lados, mas não há uma ideia precisa de qual a sua funcionalidade nem se houve uma intenção precisa para se fazer a gravação.

Dimensões: (10,3) x (9,7) x (3,8).

RVFI. *De Rufo*.

Altura das letras: o R está incompleto; V = 4.9; F = 4.7; I = 3.6.

Do R temos a metade da direita: a parte superior angulosa, a forma triangular e a perna lançada; o V, amplo e de vértice pronunciado; o F de longa haste vertical e as duas barras horizontais muito em cima; o I está menos visível e é de sulco não tão profundo. Verifique-se que dá a impressão de o gravador – que utilizou cálamo vegetal a determinar sulco côncavo nos caracteres – ter querido dar à palavra um aspecto circular, denunciando, assim, o movimento corrente da mão, sem obediência a quaisquer linhas de pauta ou preocupação de alinhamento.

Rufi é genitivo de posse; ou seja, assinala-se, assim, mui provavelmente, o nome do proprietário da construção que, eventualmente, pavimentaria. Este antropónimo, etimologicamente latino, é muito corrente na epigrafia lusitana: cf. Atlas.² Por seu turno, Juan Manuel Abascal³ registara a existência de 203 testemunhos na epigrafia romana peninsular, sendo Rufus o segundo nome pessoal mais frequente. É, em seu entender, um dos cognomes que «têm uma especial incidência na nova nomenclatura de amplos grupos sociais da população local».

As características formais das letras nada ajudam para se propor uma datação, num caso como este, porque se trata de uma escrita muito pessoal, uma «escrita do momento»⁴, sem obediência a cânones.



CARLA RIBEIRO JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Ficheiro Epigráfico, 160 [2017]

NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, p. 285 (mapa 258) e 286-287.

³ ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania, Múrcia, 1994, p. 31.

⁴ Veja-se: Encarnação (José d'), «A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora», in Angelli Bertinelli (Maria Gabriella) e Donati [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007)». Fratelli Lega Editori, Faenza, Set. 2009, p. 15-28. Acessível em: http://hdl.handle.net/10316/11470